

TRÊS  
É  
DEMAIS

ALI CRONIN

Tradução

RITA SUSSEKIND

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © Penguin Books Ltd, 2013  
Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em inglês no Reino Unido  
por Penguin Books Ltd.

O selo Seguinte é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Three's a Crowd

CAPA E FOTO DE CAPA Paulo Cabral

PREPARAÇÃO Beatriz Antunes / FAUNA EDITORIAL

REVISÃO Gabriela Ubrig Tonelli e Renato Potenza Rodrigues

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Cronin, Ali

Três é demais / Ali Cronin ; tradução Rita Sussekkind. —  
1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Seguinte, 2013.

Título original: Three's a Crowd  
ISBN 978-85-65765-18-3

1. Ficção — Literatura juvenil I. Título.

---

13-05478

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)



ACORDEI COM UM SUSTO, e o estranho sonho no qual Richard Madeley era meu pai desapareceu com um *puf!* Olhei em volta, sonolenta, para tentar descobrir o que havia me perturbado. Pela primeira vez na vida, Adam estava dormindo silenciosamente, então não tinha sido o ronco dele. Apertei os olhos para olhar em direção à luz que vinha da minha cabeceira. Esticando o rosto até parecer a máscara do *Pânico*, forcei os olhos para conseguir focar e peguei o celular. Era uma mensagem de Sarah, minha melhor amiga:

**Feliz ano-novo!**

Ah, sim, era o primeiro dia do ano! Senti um embrulho ao me dar conta de que 2012 tinha ficado para trás de vez. Dois mil e treze: o ano em que as coisas se tornariam mais difíceis.

Não era pessimismo, mas realidade. Já sabia disso fazia meses. Afastando os pensamentos ruins, continuei lendo:

Gde festa. Queria q vc tivesse ficado. Ashley  
ficou com DYLAN!!! Rich saiu com um MENINO  
loiro gato! Viu o que perdeu não estando com  
moi? Como foi a sua? Bjs.

Engasguei. Era uma notícia e tanto! Fiquei tentada a pular da cama e ligar para ela, mas Sarah provavelmente ainda estava dormindo, e isso só irritaria Adam. Mandei uma resposta rápida:

MEU DEUS preciso saber mais!! Ligo mais tarde.  
Minha noite tb foi ótima, obrigada. Bjs.

Sempre sentia uma pontadinha de tristeza quando perdia uma noite com as meninas, o que era uma bobagem, pois ficar com Adam compensava totalmente. E *de fato* nos divertimos muito. Demos uma passada na festa das meninas antes de ir para a casa do amigo de Adam, Ryan. A noiva de Ryan, Becky, preparou uma massa com frango e chouriço e um pão de alho deliciosos, e eu fiz pudim de chocolate. Tomamos muito vinho, conversamos e acompanhamos pela televisão a contagem no Big Ben. Foi legal. Minhas amigas Ashley e Donna prefeririam se matar a passar uma noite de ano-novo assim, mas sempre gostei de noites calmas — talvez mais até do que das agitadas. Meu pai às vezes brincava que eu ti-

nha nascido adulta, e realmente fico pensando se não nasci com falta de algum gene da adolescência. Também não sou nenhum caso perdido. Já fiquei bêbada e dancei como uma idiota com meus melhores genes, mas pouca coisa me deixava tão contente quanto uma noite em casa com boa comida e bons amigos. Só não acho que seja preciso pirar completamente para se divertir.

Talvez por isso acabei com um namorado quatro anos mais velho que eu. Os amigos dele agora também eram meus amigos, principalmente Ryan e Becky. Becky é adorável. Tem vinte e um anos — mesma idade dos meninos — e é uma espécie de gerente numa loja de roupas femininas da cidade. Já tinha me deixado usar seu desconto de funcionária algumas vezes, apesar de eu ter me sentido um pouco mal por isso. Não é que eu não tivesse condição de pagar o preço cheio (assumo: meus pais me dão uma mesada generosa), mas cheguei à conclusão de que o dono da loja não teria que cancelar seu Natal em Barbados se eu pagasse cinco libras a menos num casaco.

Então, sim, foi uma maneira perfeita de passar a noite de ano-novo, e pude beijar meu namorado lindo quando o relógio soou a meia-noite, mas realmente não foi uma festa com dança, risadas e amigos protagonizando incidentes dignos de fofoca.

Olhei para Adam outra vez. Ele estava com um braço curvado sobre a cabeça, os músculos do ombro e da parte superior do braço se flexionaram involuntariamente. Os pelos do peito e das axilas me deram arrepios. Eu namorava um homem, não

um menino. Ele era realmente lindo. Sentia-me sortuda cada vez que olhava para ele. Soprei de leve os mamilos dele, e ri baixinho quando eles se eriçaram instantaneamente.

“Qual é a graça?”, resmungou Adam, sem abrir os olhos.

“Nada, meu amor.” Sorri. “Só os seus faróis acesos.”

Ele abriu um olho e sorriu para mim.

“Faróis acesos? Maluquinha.”

Empurrou as cobertas e saiu da cama. Adam sempre conseguia fazer isto: passar de capotado a completamente acordado em um segundo. Ficou parado por um instante, procurando o que vestir, e pegou uma calça jeans do chão (faz tempo que desisti de tentar convencê-lo a, pelo menos, dobrar as roupas. A questão da arrumação seria importantíssima quando fôssemos morar juntos, mas sobreviveríamos). Inclinando-se, ele me beijou na testa.

“Fique aí, meu amor. Hoje é dia de café na cama.”

Ergui as sobrancelhas.

“Uhu! O que fiz para merecer isso?”

Ele sorriu.

“Nada além de continuar a garota adorável de sempre.”

Mais um beijo, dessa vez na boca, e atravessou o corredor para a cozinha com os pés descalços batendo nos tacos de madeira. Adam não sentia frio como as pessoas normais. Eu vivia congelada no apartamento dele.

Mordi o lábio. Meu garoto sexy. Mandei uma mensagem rápida para mamãe e papai, desejando um feliz ano-novo e avisando que voltaria mais tarde, depois peguei o controle da cabeceira de Adam e liguei nos noticiários. Gosto de passear

pelos canais para ver as diferenças gritantes entre os programas. Talvez eu seja apenas paranoica, mas acho meio impressionante que os produtores de TV tenham o poder de decidir o que devemos saber ou não. Digo, editores de jornais impressos também são assim, e acho que o Twitter significa que quase nada hoje em dia é segredo, mas se por um lado muitas pessoas não leem jornais de fato (e, sinto muito, mas nada com aquele formato de tabloide pode ser chamado de jornal, não importa o que meu pai diga) nem usam o Twitter, por outro *todo mundo* assiste televisão. Enfim. A TV de Adam só tinha a BBC e a Sky, e por algum motivo o sinal estava falhando, então desliguei e me aconcheguei sob a colcha para esperar meu café da manhã. Pude ouvir ruídos vindos da cozinha. Adam não cozinhava, então eu sabia que chá com torradas era o máximo que poderia esperar, mas mesmo assim estava ótimo.

“E agora, por que você está sorrindo, doidinha?”, perguntou, repousando uma bandeja com canecas de chá e um prato cheio de torradas na beirada da cama.

“Só estava pensando em como tenho um namorado legal”, respondi, alcançando uma fatia de pão. Sorri para ele. “Adoro quando você faz coisas românticas.”

Adam tirou a calça e voltou para a cama.

“Esse cara sou eu, Cassie.” E tomou um gole imenso de chá, seguido por um arroto alto, para que eu não pensasse que ele tinha se tornado totalmente delicado e metrosssexual. Dei um soquinho de brincadeira no braço dele, mas não havia razão para isso. Impedir Adam de arrotar seria quase uma crueldade, tal o prazer que isso dava a ele. Às vezes, após uma

descarga particularmente longa e sonora de gás bucal, ele se alegrava como se tivesse ganhado na loteria. Eu pelo menos tinha conseguido fazê-lo parar de soprar o resultado na minha direção. Aquilo era muito nojento.

“Feliz ano-novo, aliás”, ele continuou, inclinando-se para mais um beijo.

“Feliz ano-novo para você também, amorzinho.” Alcancei mais uma fatia de torrada. “Por que estou com tanta fome? Comemos muito ontem à noite.”

“É melhor se cuidar”, Adam brincou. “Não quero minha namorada engordando.” Ele apertou de brincadeira minha cintura — que estava bem fininha, por sinal.

“Posso dizer o mesmo pra você”, respondi, mas ele apenas riu. Adam era magro e bonito, assim como o pai dele ainda era, aos quarenta e sete anos. Meu garoto tinha a genética a seu favor. Minha mãe, por outro lado, apesar de extremamente estilosa e — assim como eu — portadora do gene da organização e das listinhas, tinha a silhueta mais suave e redonda.

“Ei”, Adam disse. “Eu só estava brincando. Você sabe que te acho gata.”

Pisquei.

“Ah, claro, sei disso. Só estava pensando na minha mãe, por algum motivo.”

Adam resmungou enquanto enfiava meia fatia de torrada na boca. O prazer em arrotar e comer andam lado a lado, suponho. E assim me lembrei de uma coisa:

“Você com certeza vai ao jantar de aniversário de Sarah na quarta-feira, certo?”

“Claro. Seria um trouxa se perdesse uma refeição preparada por você, meu amor.” Ele se inclinou precariamente para colocar o prato vazio no chão. “Mas acho que não vou ficar depois.”

“Ah, amo-o-or”, resmunguei. “Você prometeu.”

Ele pôs o braço em volta de mim, me puxando para o peito dele.

“Prometi que ia ao jantar, Cass. Não vou passar a noite inteira com seus amigos.” Estremeceu. “Eu ficaria maluco.”

Engoli a irritação crescente. Adam detestava os meus amigos. Eu detestava que ele os detestasse, mas não podia fazer nada a respeito. Eles também o odiavam, é claro. De qualquer forma, eu sabia por que Adam não gostava deles. Tinha ciúmes. Ocupavam muito do meu tempo. Ou talvez essa teoria demonstrasse uma grande arrogância de minha parte e houvesse mesmo alguma incompatibilidade entre eles. De qualquer forma, eram duas partes muito importantes da minha vida que jamais iriam se misturar.

Suspirei e me apoiei nele. Por que não conseguia enxergar que meus amigos não estavam competindo com ele? Eu era dele — sempre seria. Talvez tivesse a ver com as escolhas que ele fez. Abandonou os estudos aos dezoito anos para trabalhar na empresa de construção do meu pai. Parecia adorar o emprego: ganhava bem e meu pai gostava muito dele (e ele ficava lindo carregando tijolos, não usando nada além de jeans e suor), mas será que havia alguma chance de que tivesse ciúmes dos meus amigos? Digo, a maioria de nós pretendia fazer faculdade. Eu disse a ele diversas vezes que queria ir para a

Universidade de Sussex para ficar perto dele (morávamos em Brighton), mas ele obviamente continuava nervoso. Até agora enxergava meus amigos como crianças de colégio, mas logo se tornariam não só adultos, como pessoas mais qualificadas e com maior potencial financeiro. Dinheiro é importante para Adam — suponho que seja para todos nós, até certo ponto. Pessoalmente, quero ser advogada, depois integrante do parlamento, depois ministra de gabinete, e depois primeira-ministra (é bom sonhar...).

Enfim. Não adiantava me preocupar com a questão dos meus amigos, e certamente não havia razão para falar sobre o assunto. Seria um mau começo de ano. Inclinei a cabeça para trás e Adam se curvou para me beijar. Mesmo quando estava escuro ele sempre — *sempre* — sabia quando eu estava me movimentando para beijá-lo. Relaxei nos braços dele e nosso beijo se intensificou, então ele me empurrou gentilmente para trás e sorriu daquele jeito que não fazia com mais ninguém.

“Coloque-os para fora”, ele rosnou. Então obedeci, tirando desajeitadamente a camiseta do Homer Simpson de Adam que eu usava nas noites frias em que dormia na casa dele, basicamente para impedi-lo de vesti-la durante o dia. “Melhor assim”, sorriu, e começou a beijar meu pescoço e descer. “Olá, grandão”, disse com carinho ao beijar meu peito direito. E foi para o esquerdo. “Olá, pequenino.”

*Pequenino? Hum, o quê?* Meus peitos tinham *tamanhos diferentes*?! Nos meus melhores momentos já não me sentia segura em relação a eles — Adam às vezes brincava que me

daria uma cirurgia de implantação de silicone de presente de dezoito anos —, mas os tamanhos diferentes eram novidade. Eu já pagava alguém regularmente para arrancar a maioria dos meus pelos pubianos por Adam. Será que teria que fazer alguma coisa em relação aos seios também? Bem, *ter* que fazer, não. Ele não me forçava a fazer nada. Eu só sabia do que ele gostava, e queria fazê-lo feliz.

Ugh. *Pare com isso*, pensei. Fechei os olhos e tentei me concentrar no que Adam estava fazendo. Não foi difícil. Assim como com a maioria das coisas, Adam era seguro e competente em relação ao sexo. E não sou muito adepta a confissões sobre o que acontece entre quatro paredes — ao contrário dos meus amigos —, então basta dizer que a meia hora seguinte foi íntima, linda, e a maneira perfeita de inaugurar 2013. Adam tinha alguma espécie de sexto sentido em relação a momentos certos para romance, assim como para atividades mais aeróbicas e arfantes. Era ótimo em ambos.

Depois, deitados e entrelaçados, deixando o calor do prazer desbotar, voltei a pensar na revelação sobre meus peitos diferentes. Quase falei alguma coisa para Adam — uma piada, talvez — mas o movimento do tórax dele revelou que já estava dormindo. Melhor assim, acho. Algumas das namoradas dos amigos de Adam eram grudentas e davam trabalho, querendo reafirmação constante. Eu jamais seria assim.

Quando deixei a casa de Adam naquela tarde liguei imediatamente para Sarah, mas ela não atendeu. Deixei um re-

cado pedindo que retornasse o mais rápido possível. Não podia acreditar que Rich tinha ficado com um menino! (Podia ter ficado com um menino, lembrei a mim mesma. A mensagem não foi clara. Advogados precisam ser pedantes...) Todos nós sabíamos que Rich não era estritamente heterossexual, mas nunca houve provas concretas. Não que ele precisasse provar alguma coisa para nós. E Ashley e Dylan! Fiquei muito feliz por Ash. Sempre achei que o fato de ela dormir com todo mundo fosse um sinal de baixa autoestima, não que eu já tivesse dito isso a alguém além de Sarah. Ashley e Donna — a melhor amiga de Ash — jamais enxergariam dessa forma.

Eu estava prestes a ligar de novo para Sarah, quando ela retornou a ligação. Atendi antes de o primeiro toque terminar.

“Conta TUDO!”

Ela riu.

“Ah, querida, você devia ter ficado lá. Foi a melhor noite.”

(Claro que foi! Eu me irritava quando meus amigos falavam sem parar sobre o quanto se divertiram quando eu não estava junto. Nunca era tão incrível assim quando eu *estava*, então, por que seria tão bom sem mim? Claro que não falei isso para ela.)

“Pois é”, falei. “Não posso acreditar que Rich ficou com um menino!”

“Na verdade, não ficou”, respondeu desapontada. “Ou pelo menos é o que ele está dizendo. Ele contou para Ashley que era apenas alguém que conheceu na infância. Parece que apenas ‘conversaram’.”

“Ah, não!”

“Pois é! Fiquei arrasada... Mas Ash definitivamente ficou com Dylan.”

“Bomba:Ash Fica Com Menino”, limpei a garganta. “Não é exatamente uma novidade, é?”

“Ah, mas ela não foi pra casa com ele!”, disse Sarah. “Eles. Não. Transaram.”

“Uau, ela estava passando mal?” (Isso me fez soar como uma vaca? Porque não foi essa a intenção. Ashley admitia feliz que gostava de sexo sem compromisso. Era quase uma medalha de honra para ela. Na verdade, não tem “quase” nisso. Era a Coisa dela. Eu era a organizada; Sarah, a inocente; Donna, a rainha das festas; Ashley, a das muitas transas. Fim de papo, como ela mesma diria.)

“Pois é”, concordou Sarah. “Rich me contou que disse a ela que ela precisava se resolver. Tiveram uma briga horrível, mas aí ela enxergou seus erros ou o que seja, e pediu desculpas para ele antes da festa. Foi muito estranho, Cass. Primeiro, Ashley não bebeu...”

“Como assim? Nada?”, interrompi.

“Bem, tomou coca e coisas assim, mas nada alcoólico.”

“Não acredito!” Isso sim era notícia.

“Pois é! Depois ela e Dylan se ignoraram a noite inteira, apesar de ela obviamente ter ficado olhando para ele, e então, de repente, estavam juntos. Vão sair hoje, um encontro de fato.”

“Ashley já teve algum encontro na vida?”, perguntei. Não conseguia imaginar: Ash e Dylan em uma lanchonete, olhan-

do tímidos nos olhos um do outro por cima da mesa, tomando milk-shake e trocando um beijo casto no fim da noite.

“Encontros só acontecem em filmes dos anos 1950. Mas adivinha onde vão se encontrar?”, disse Sarah.

Passei mais ou menos um segundo e meio tentando pensar em uma resposta adequadamente inesperada e original, antes de desistir. Só queria ouvir a história.

“Não sei.”

“Você vai amar.” Pude ver o sorriso na voz dela. “Vão se encontrar na frente da loja de departamento.”

Ri.

“Meu Deus! É tão... convencional!”

“Eu sei!”

Eu estava pensando se deveria ou não falar sobre a revelação de Adam sobre meus peitos quando Sarah teve que desligar — os pais dela estavam recebendo amigos da família. Provavelmente não foi ruim não ter conseguido introduzir o assunto. Ela tentava ser gentil em relação a Adam, mas não precisava de mais munição. Eram as minhas inseguranças que estavam fazendo com que eu me sentisse mal, mas Sarah não enxergaria assim. Tentei parar de pensar no assunto, mas todo anúncio de ponto de ônibus pelo qual eu passava parecia ter uma mulher com seios perfeitos sorrindo convencida para mim. Claro que as fotos eram retocadas, mas mesmo assim. Não era normal ter um peito grande e outro pequeno. Se fosse, fabricariam sutiãs com bojos de tamanhos diferentes. Eu

claramente vivia na negação havia anos. Como um anoréxico que se vê no espelho como gordo, só que ao contrário: eu me olhava no espelho e via alguém com peitos normais.

Era uma tolice. Eu tinha muito o que agradecer. Inaugurei o ano com café na cama, para começo de conversa. Cruzando os braços com firmeza sobre o busto, enumerei as minhas muitas bênçãos a cada passo, até ficar irritada e me recompor.

Minha mãe saiu espalhafatosamente da cozinha assim que me ouviu abrir a porta da frente.

“Feliz ano-novo!”, entoou, beijando minha bochecha. “Sua noite foi boa?”

“Foi.” Fiquei ligeiramente espantada com o entusiasmo dela. “Parece que a sua também.”

“Ah, foi *maravilhosa!*”, respondeu, batendo as mãos. “Seu pai me surpreendeu com um jantar no 9 George Street.”

“Uau.” O 9 George Street era um restaurante que tinha sido premiado com duas estrelas no guia Michelin havia pouco tempo. Sei disso porque apareceu no noticiário local. Agora era preciso reservar com meses de antecedência para conseguir uma mesa e, no entanto, meu pai conseguiu uma reserva na noite de ano-novo. Não me surpreendi. Em certos círculos meu pai era uma espécie de celebridade local — tornou-se milionário por conta própria (pelo menos em propriedades e investimentos. Tenho certeza que ele não tinha um milhão de libras na conta bancária) e colaborava com obras de caridade, um verdadeiro herói, blá, blá. Eu obviamente tinha um orgulho enorme dele.

“Uau mesmo”, mamãe concordou. “A comida estava sim-

blesmente...”, pausou para procurar o adjetivo correto, “... *deleitável*”. Inclinou-se como se estivesse prestes a me contar um segredo. “Papai pediu uma garrafa de champanhe ridiculamente cara. Ah, foi especial.”

Não pude deixar de sorrir com a alegria dela. Não ter que cozinar já devia ter sido uma maravilha por si só, e além disso minha mãe nunca era a destinatária dos famosos gestos extravagantes do meu pai. Esse privilégio sempre foi meu e do meu irmão, Charlie. Se houvesse algum prêmio na escola para o maior número de rifas vendidas, nós vencíamos. E nem precisávamos recorrer aos avós — papai simplesmente enfiaava umas notas de cinquenta libras em um envelope e Charlie e eu trocávamos no colégio por um punhado de brindes irritantes. Acabávamos com MUITOS conjuntos de banheiro e vinhos baratos. Ele também organizava festas de aniversário excelentes, com lembrancinhas tão incríveis que meninas que jamais me dirigiram a palavra se aproximavam de mim no parquinho para implorar descaradamente por um convite. Em determinado ano fiquei obcecada pelo filme *Barbie em O Quebra-nozes*, então papai comprou para todos os convidados — os trinta — o DVD e uma Barbie combinando. Virei o assunto do parquinho por um tempo, o que detestei, mas no geral não tinha do que reclamar. Gostava de ter um pai generoso.

Mas mamãe não era uma dona de casa oprimida. Tinha um diploma de Cambridge, porém descobriu que estava grávida do meu irmão no dia em que entregou a tese. Minha avó não ficou exatamente empolgada, principalmente porque o

homem que a engravidou era um rapaz local que se virava na lábia e não tinha nada de intelectual. Fosse como fosse, mamãe e papai se casaram, mamãe teve Charlie, papai se tornou bem-sucedido, alguns anos depois eu apareci e, resumindo a história, mamãe nunca trabalhou. E se você está imaginando o que aconteceu com toda essa ambição não realizada, não imagine mais. Ela a transferiu inteiramente para mim: a herdeira feminina do cérebro da família. Ou seja, pressão nenhuma.